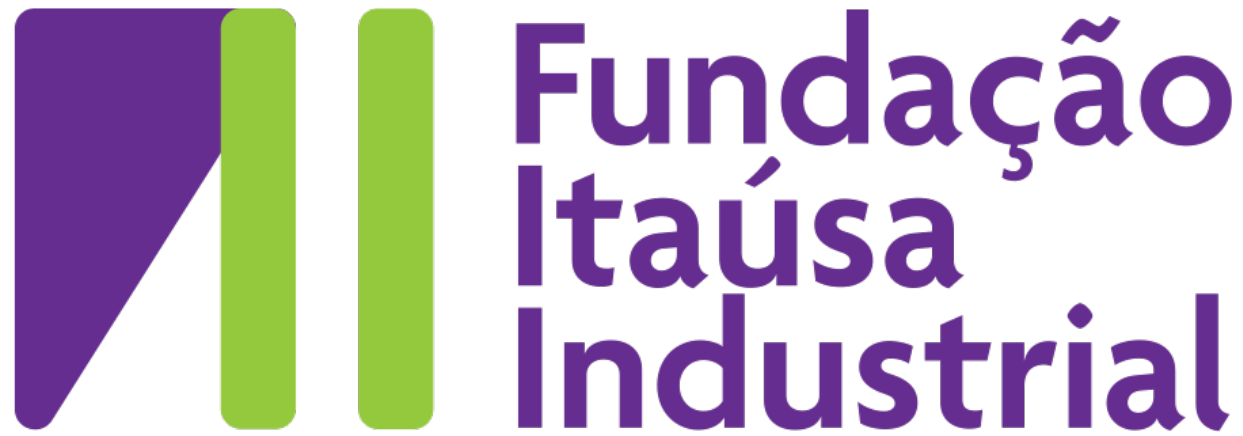


Relatório de Performance e Gestão

PLANO PAI

março/2026



Cenário Econômico - Internacional

Atividade Econômica e Inflação

- No último mês o foco seguiu nos desdobramentos do conflito no Oriente Médio e seus possíveis impactos para o mercado.
- Os desenvolvimentos não foram favoráveis, com o barril do petróleo Brent sendo negociado acima dos US\$100 e o Estreito de Ormuz ainda fechado, sem clara perspectiva por sua abertura.
- O conflito, cuja duração excedeu as expectativas iniciais, pode gerar impactos relevantes sobre a inflação e a atividade econômica, influenciando a condução da política monetária internacional. O primeiro efeito é uma elevação das expectativas de inflação e, posteriormente, o prolongamento do conflito pode levar a impactos em atividade econômica.
- Como principal movimento, os mercados reagiram com abertura das curvas de juros reprecificando um cenário que, até então, contava com maiores perspectivas por flexibilização monetária.

Política Monetária

- No exterior, o Fed, Banco Central dos EUA, decidiu pela manutenção da taxa básica de juros na banda entre 3,50% e 3,75%. A votação foi dividida, com um membro (Stephen I. Miran) votando por um corte de 0,25%.
- Na comunicação foi destacada elevada incerteza causada por tensões geopolíticas no Oriente Médio e foram públicas as projeções trimestrais para os principais indicadores macroeconômicos.
- As previsões para a inflação foram ajustadas ligeiramente para cima, assim como as de crescimento e desemprego. Posteriormente, na conferência para a imprensa, o presidente Powell salientou a necessidade de progresso claro na inflação antes de considerar cortes nas taxas, mostrando cautela devido ao impacto incerto do choque nos preços do petróleo, fala hawkish.
- Entendemos que, à luz dos dados de hoje, o cenário mais provável é que ocorrerá uma pausa mais prolongada no ciclo de corte de juros nos EUA.

Conflito no Oriente Médio elevou a incerteza global

Cenário Econômico - Brasil

Atividade Econômica e Inflação

- O crescimento do PIB está desacelerando moderadamente devido às taxas de juro elevadas, que afetam os setores sensíveis aos juros, como as vendas no varejo e a produção industrial. Apesar desta desaceleração, não prevemos que o crescimento convirja para um nível de desaceleração mais acelerada.
- A inflação segue elevada devido ao mercado de trabalho apertado e pressões sobre a inflação dos serviços. No entanto, antes da guerra no Irã, a inflação vinha desacelerando graças a uma perspectiva mais favorável para os preços dos alimentos, com uma valorização do real brasileiro que reduziu a inflação dos bens essenciais e reancoragem parcial das expectativas de inflação.
- Atualmente, os riscos estão com um viés de alta, especialmente devido à subida dos preços do petróleo após os conflitos no Médio Oriente.

Política Monetária

- O Banco Central (BC) iniciou o ciclo de calibração da taxa de juros com um corte de 0,25%, levando a taxa Selic para 14,75% a.a.
- O BC fundamentou a adoção da estratégia de calibração à medida que houve aumento na convicção de que o patamar da taxa de juros tem surtido efeito tanto na desaceleração da atividade econômica como no processo de desinflação.
- Apesar do início do ciclo, o tom foi cauteloso e marcado pelo aumento da incerteza com relação aos impactos dos conflitos recentes na dinâmica inflacionária doméstica, com reforço de que a taxa deve permanecer em patamar contracionista. O modelo do BC piorou 10 bps para 3,3% no horizonte relevante, refletindo o impacto do conflito nos preços de petróleo.
- Quanto aos próximos passos, o BC não deu indicativo claro sobre o que pretende fazer no próximo Copom, mas deixou claro que o ritmo vai depender da evolução dos acontecimentos recentes, reforçando a postura dependente de dados.

Cenário Econômico - Projeções

Brasil Cenário Base

P = Projeções Itaú Asset Management

Projeções estão sujeitas a mudanças.

* Histórico até 2009 baseado na metodologia BPM5. De 2010 em diante, metodologia BPM6. Mais detalhes sobre essa metodologia no próximo slide.

Fonte: Itaú Asset Management e Bloomberg, 01 de Abril de 2026. ¹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). ² Banco Central do Brasil (BCB) ³ Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Principais Variáveis		2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026P	2027P
PIB - Preços de Mercado ¹	%	-3,5	-3,3	1,3	1,8	1,2	-3,3	4,8	3,0	3,2	3,4	2,3	2,0	1,5
PIB Nominal ¹	R\$ tri	6,0	6,3	6,6	7,0	7,4	7,6	8,9	9,9	10,7	11,6	12,4	13,1	13,9
	US\$ tri	1,8	1,8	2,1	1,9	1,9	1,5	1,6	1,9	2,2	1,9	2,3	2,2	2,3
PIB Real ¹	R\$ tri (2014)	5,6	5,4	5,5	5,6	5,6	5,4	5,7	5,9	6,1	6,3	6,4	6,5	6,6
PIB Nominal Per Capita em US\$ ¹	US\$ mil	8,8	8,7	9,9	9,2	8,9	7,0	7,5	8,7	10,2	8,7	10,4	10,0	10,5
Desemprego PNAD - Final DSZ ¹	% PEA	9,7	12,7	12,5	12,3	11,7	14,8	11,6	8,4	7,9	6,6	5,5	4,9	4,9
Inflação - IPCA ¹	%	9,8	6,5	3,0	3,7	4,3	4,5	10,1	5,8	4,6	4,8	4,3	4,6	4,0
Inflação - INPC ¹	%	9,6	7,3	2,3	4,1	3,2	5,5	10,2	5,9	3,6	4,8	3,9	4,4	3,8
Inflação - IGP-M ³	%	10,5	7,2	-0,5	7,5	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,2	6,8	-1,1	5,0	4,0
Taxa de Juros Copom - Final ²	%	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	12,25	15,00	13,00	12,00
Taxa de Câmbio - Final ²	R\$ / US\$	4,0	3,3	3,3	3,9	4,1	5,2	5,6	5,3	4,9	6,2	5,5	5,3	5,3
Saldo Comercial ²	US\$ bi	17,4	44,5	57,4	44,3	29,6	35,7	42,3	51,5	92,3	65,8	59,7	61,0	61,0
Exportações	US\$ bi	189,9	184,3	218,0	239,5	225,8	210,7	284,0	340,2	343,8	339,9	350,9	345,0	345,0
Importações	US\$ bi	172,5	139,7	160,6	195,2	196,2	175,0	241,7	288,7	251,5	274,0	290,9	284,0	284,0
Saldo em Conta Corrente* ²	US\$ bi	-63,4	-30,5	-25,3	-53,8	-64,0	-24,2	-39,4	-42,0	-27,1	-66,2	-69,0	-70,0	-70,0
	% do PIB	-3,5	-1,7	-1,2	-2,8	-3,4	-1,6	-2,4	-2,2	-1,2	-3,0	-3,0	-2,9	-2,9
Investimento Estrangeiro Direto ²	US\$ bi	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	38,3	46,4	75,5	62,8	74,1	77,7	70,0	70,0
Resultado Primário ²	% do PIB	-1,9	-2,5	-1,7	-1,6	-0,8	-9,2	0,7	1,2	-2,3	-0,4	-0,4	-0,6	-0,5
Dív. Bruta do Setor Público ²	% do PIB	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	86,9	77,3	71,7	73,8	76,1	78,6	83,5	88,1

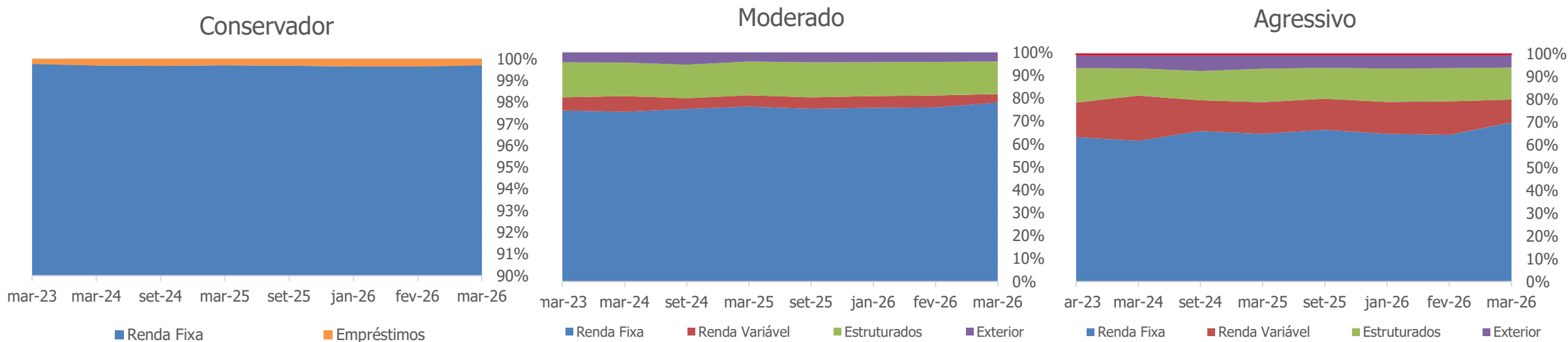
Desempenho e Evolução da Carteira

Perfis de Investimento

DESEMPENHO

Período	CONSERVADOR		MODERADO		AGRESSIVO	
	Return	%CDI	Return	%CDI	Return	%CDI
mar/26	1,11%	92%	-0,31%	-25%	-1,22%	-100%
6 meses	7,09%	100%	6,37%	89%	6,70%	94%
12 meses	14,89%	101%	16,41%	111%	18,83%	127%
24 meses	28,04%	101%	26,05%	94%	23,52%	85%
36 meses	44,47%	102%	41,86%	96%	41,91%	96%
60 meses	73,39%	101%	59,89%	82%	51,13%	70%

EVOLUÇÃO



Fundos de Investimento

Relação de Fundos de Investimento presentes nos perfis de investimento em 1º nível (em milhares de reais)

FUNDOS DE INVESTIMENTO	CNPJ	Conservador	Moderado	Agressivo
RENDA FIXA				
Enif R L FIF CIC Multimercado Crédito Privado *	32.265.488/0001-75	987.403		
Itaú Verso A RF Referenciado DI FI	11.419.818/0001-60	658.943		
Nashira Previdenciário Multimercado Moderado CP FI *	38.049.520/0001-61		575.046	
Nashira Previdenciário Multimercado Agressivo CP FI *	38.050.501/0001-55			57.078
RENDA VARIÁVEL				
Itaú Inst. Smart Beta Ações Brasil 50 FIC FIA	48.107.091/0001-95		26.851	8.133
INVESTIMENTOS ESTRUTURADOS				
Altair FIC FIM *	32.265.496/0001-11		63.278	6.377
Itaú Global Dinâmico Ultra Multimercado FIC FI	42.299.229/0001-19		10.624	1.448
Precision Adv CP FI	32.292.528/0001-78		30.740	3.708
INVESTIMENTOS NO EXTERIOR				
Carteira Itaú Internacional Institucional FIC FIM IE	39.562.577/0001-22		28.809	4.784
Empréstimos		4.538		
INVESTIMENTOS		1.650.883	735.348	81.530

* FUNDOS EXCLUSIVOS

Estratégia – Perfil Conservador (1/2)

Classe	O que achávamos?	O que fizemos?	Qual foi o resultado (nominal)?
R E N D A F I X A	Juros Nacionais <p>Durante a segunda quinzena de fevereiro, a curva de DI Futuro chegou a embutir 3 pontos percentuais de queda para a taxa Selic no horizonte relevante de influência da política monetária (abril de 2027), com parte do mercado avaliando a chance de passos de 0,75 p.p. nas primeiras reuniões do Copom, com movimento de queda. Como não éramos tão otimistas e algumas divulgações para o IPCA15 e IPCA30 vieram acima do esperado no 1º bimestre, estudávamos a possibilidade de reduzir a exposição aplicada em Pré. Ao mesmo tempo, a depender das taxas negociadas no mercado de NTN-B, poderíamos subir as alocações. Uma forma de seguir aplicados em juros, mas mais defensivos. Ativos de duration mais longa performam bem na iminência de queda dos juros básicos frente ao CDI.</p>	<p>Entramos no mês de março reduzindo a exposição em juros prefixados, que era aplicada em taxas mais longas, considerando as incertezas trazidas pela forte alta dos preços do petróleo para o balanço de riscos a ser monitorado pelo Banco Central do Brasil. Além disso, com sinais de atividade econômica ainda resiliente e surpresas de alta nas divulgações do IPCA, não víamos motivos para que a curva de juros acentuasse a precificação de queda para a taxa Selic. Ao mesmo tempo, tínhamos apetite para o mercado de NTN-Bs, pois esses ativos performam bem historicamente na proximidade do início da queda dos juros. A combinação das atuações foi mais defensiva, tendo em vista o comportamento de aumento da inflação implícita nas NTN-Bs, mas ainda assim tivemos detrações na rentabilidade mensal da carteira. Com o passar do tempo, dado o estresse nos preços dos mercados de renda fixa, voltamos a considerar a relação risco x retorno mais favorável no Pré em comparação ao mercado de NTN-Bs. Terminamos março com uma venda de inflação implícita na parte intermediária da curva de juros reais.</p>	<p>O impacto mais direto do conflito entre Estados Unidos e Irã sobre o cenário e o mercado brasileiro de renda fixa foi a ampliação da defasagem entre os preços domésticos dos combustíveis e a paridade internacional, devido ao choque nas cotações do petróleo. A percepção é de risco elevado de repasses ao consumidor final e, conseqüentemente, de pressões adicionais sobre o IPCA. Do ponto de vista de política monetária, o Banco Central do Brasil tem sinalizado maior cautela diante do aumento das incertezas e da assimetria no balanço de riscos, com atenção particular à possibilidade de efeitos secundários do choque de energia sobre expectativas inflacionárias e núcleos do IPCA. Nesse contexto, a decisão do último Copom, com queda de apenas 0,25 p.p. na taxa Selic, reforçou uma condução prudente e dependente de dados, preservando a flexibilidade para calibrar o ritmo e o tamanho do ciclo à medida que se esclareçam a persistência do choque externo e os desdobramentos domésticos. Caso a pressão sobre a energia se prolongue, o balanço de riscos para a inflação tende a se deteriorar e reduzir o espaço para uma flexibilização mais célere, ainda que a atividade doméstica apresente resiliência na margem.</p>

Estratégia – Perfil Conservador (1/2)

	Classe	O que achávamos?	O que fizemos?	Qual foi o resultado (nominal)?	
RENDA FIXA	Crédito	Seguir com alocações baixas em comparação ao histórico e potencial dos mandatos. Monitorar o mercado para eventuais ajustes de exposição, como no setor de saúde.	Alocação total em crédito fechou o mês a 32% do PL contra 31,5% em fevereiro. Aproveitamos algumas condições de mercado para reduzir posições nos setores já citados, em nomes específicos, avaliando menor potencial de retorno daqui para frente. Inclusive, fizemos a zeragem de um papel de Saúde que havia sofrido rebaixamento da nota de crédito recentemente. Neste caso, apesar da melhora operacional as margens do setor são estruturalmente apertadas e novas melhoras poderiam ser lentas, não compensando os riscos se optássemos pela manutenção.	A dinâmica de preços e fluxos de negociação no mercado de crédito em março foi marcada pelo noticiário negativo, sobre grandes empresas entrando em recuperação judicial. Esse contexto acabou afetando a marcação a mercado de vários nomes no universo de emissores corporativos, com atenção ao setor de varejo e saúde. Já a dinâmica dos emissores financeiros seguiu mais defensiva, com demanda crescente pelos investidores neste momento do ciclo de crédito. A estratégia rendeu abaixo do CDI. Setores de Saúde e Transporte como principais detratores.	-
	Câmbio e Juros Internacionais	Seguir com posições táticas em moedas, vendas em dólar contra o real. Pano de fundo de fluxo de capitais estrangeiros detectados para RF e RV.	Atuamos nessa direção. Devido à sensibilidade das receitas fiscais do Brasil em relação aos preços do petróleo e exportações da commodity, a moeda brasileira vem registrando desempenho relativo positivo que poderiam continuar. Posições táticas "tomadas" (pessimistas) em juros americanos de 10 anos foram adotadas, diante da conjuntura de bancos centrais provavelmente mais austeros na condução de suas políticas monetárias, em função do encarecimento dos preços de energia.	Impactos levemente positivos do conjunto das posições.	+

Estratégia – Perfil Moderado (1/3)

	Classe	O que achávamos?	O que fizemos?	Qual foi o resultado (nominal)?
R E N D A F I X A	Juros Nacionais	Seguir operando os mercados de Pré e NTN-B, com apetite para eventualmente subir as alocações no segundo se taxas ficassem interessantes.	Em meio à mudança abrupta de preços no mercado de renda fixa, aproveitamos oportunidades de aplicação no mercado pré. Nos piores dias após a eclosão do conflito no Oriente Médio, a curva de DI Futuro chegou a zerar os cortes embutidos para a taxa Selic - pessimista para o nosso cenário básico. Diante disso, atuamos no vencimento Jan/31. No caso das NTN-Bs, mantivemos posições no início de março, pois são defensivas na medida em que a inflação implícita nos títulos sobe em reação à piora das previsões para o IPCA. No final do mês, diante da possibilidade de o Copom manter os juros reais elevados por mais tempo, optamos por zerar as posições, mas muito atentos às oportunidades que surjam se os cupons ultrapassassem 7% novamente.	O impacto mais direto do conflito entre Estados Unidos e Irã sobre o cenário e o mercado brasileiro de renda fixa foi a ampliação da defasagem entre os preços domésticos dos combustíveis e a paridade internacional, devido ao choque nas cotações do petróleo. A percepção é de risco elevado de repasses ao consumidor final e, conseqüentemente, de pressões adicionais sobre o IPCA. Do ponto de vista de política monetária, o Banco Central do Brasil tem sinalizado maior cautela diante do aumento das incertezas e da assimetria no balanço de riscos, com atenção particular à possibilidade de efeitos secundários do choque de energia sobre expectativas inflacionárias e núcleos do IPCA. Nesse contexto, a decisão do último Copom, com queda de apenas 0,25 p.p. na taxa Selic, reforçou uma condução prudente e dependente de dados, preservando a flexibilidade para calibrar o ritmo e o tamanho do ciclo à medida que se esclareçam a persistência do choque externo e os desdobramentos domésticos. Caso a pressão sobre a energia se prolongue, o balanço de riscos para a inflação tende a se deteriorar e reduzir o espaço para uma flexibilização mais célere, ainda que a atividade doméstica apresente resiliência na margem.

Estratégia – Perfil Moderado (2/3)

		Classe	O que achávamos?	O que fizemos?	Qual foi o resultado (nominal)?	
R E N D A F I X A	Crédito		<p>Seguir com alocações baixas em comparação ao histórico e potencial dos mandatos. Assim como no perfil conservador, monitorar o mercado para eventuais ajustes de exposição, como no setor de saúde.</p>	<p>Alocação total em crédito seguiu em torno de 12% do PL. Aproveitamos algumas condições de mercado para reduzir posições nos setores já citados, em nomes específicos, avaliando menor potencial de retorno daqui para frente. Inclusive, fizemos a zeragem de um papel de Saúde que havia sofrido rebaixamento da nota de crédito recentemente. Neste caso, apesar da melhora operacional as margens do setor são estruturalmente apertadas e novas melhoras poderiam ser lentas, não compensando os riscos se optássemos pela manutenção.</p>	<p>A dinâmica de preços e fluxos de negociação no mercado de crédito em março foi marcada pelo noticiário negativo, sobre grandes empresas entrando em recuperação judicial. Esse contexto acabou afetando a marcação a mercado de vários nomes no universo de emissores corporativos, com atenção ao setor de varejo e saúde. Já a dinâmica dos emissores financeiros seguiu mais defensiva, com demanda crescente pelos investidores neste momento do ciclo de crédito. A estratégia rendeu abaixo do CDI. Setores de Saúde e Transporte como principais detratores.</p>	-
	Câmbio e Juros Internacionais		<p>Seguir na venda da moeda americana, dado o cenário de diversificação dos fluxos de capitais globais em regiões além dos EUA.</p>	<p>Em cenários de aversão global ao risco, com valorização temporária da moeda americana, reduzimos a exposição vendida em dólar.</p>	<p>Impactos negativos.</p>	-

Estratégia – Perfil Moderado (3/3)

		Classe	O que achávamos?	O que fizemos?	Qual foi o resultado (nominal)?
R E N D A V A R I Á V E L	Bolsa		Vínhamos reduzindo as alocações no fundo Inflation Equity Opportunities desde o final do ano passado nas carteiras dos perfis Moderado e Agressivo, aumentando a participação relativa em veículos mais líquidos no segmento de RV (fundo Smart Brasil 50 e futuros de Ibovespa). Pela forte performance dele no decorrer de 2025, melhor risco x retorno identificado no mercado de NTN-B pela taxa interna de retorno embutida do Inflation Equity e expectativa de continuidade de fluxo de capital estrangeiro (que normalmente busca os maiores nomes e mais líquidos da Bolsa e impacta positivamente outros tipos de estratégia em RV). A zeragem seria completada em março.	Movimento implementado na cota da estratégia. A exposição geral em RV também foi reduzida nos perfis, em meio à forte performance do mercado, visando preservar ganhos acumulados nos perfis desde o ano passado x objetivos de retorno.	Março trouxe um aumento da volatilidade nos mercados, após a eclosão do conflito no Oriente Médio. Uma das principais consequências da alta nos preços do petróleo foi a elevação dos juros globais de curto prazo, à medida que os mercados passaram a antecipar uma postura mais conservadora dos bancos centrais, inclusive no Brasil. Como resultado, as ações, globalmente, registraram queda de 7,2%. O MSCI Emergentes caiu 13,1%, enquanto as ações brasileiras apresentaram uma correção mais moderada (MSCI Brasil: -1,9% em dólares ou -0,7% em moeda local). Os fluxos estrangeiros permaneceram fortes. A bolsa brasileira seguiu se beneficiando de fortes entradas líquidas de investidores estrangeiros, explicando o melhor desempenho relativo mesmo num contexto de maior incerteza. Após compras de R\$ 42 bilhões entre janeiro e fevereiro deste ano na B3, eles voltaram às compras em março, mesmo após o início do conflito, fechando o trimestre com saldo positivo de aproximadamente R\$ 51 bilhões. Mesmo com a forte valorização relativa recentemente, o índice de bolsas emergentes negocia com 44% de desconto para seus pares desenvolvidos. Já a bolsa brasileira negocia com desconto de 16% para seus pares emergentes.
	Estruturados		Manutenção das estratégias macro (Altair e Global Dinâmico Ultra) e do crédito estruturado (Precision Advanced).	Sem mudanças.	Para maiores detalhes, consultar Flyers dos fundos alocados. O conjunto das estratégias rendeu abaixo do CDI no mês.
	Exterior		Manutenção da diversificação da estratégia Carteira Itaú Asset Internacional Institucional.	Seguido. Na parte tática das moedas operadas com exposição dentro dos veículos otimizadores NASHIRA, reduzimos a venda de dólar pelas incertezas trazidas pelo novo cenário geopolítico.	O impacto conjunto das exposições foi negativo. Destaque para a detração vinda dos mercados de ações e commodities.

Estratégia – Perfil Agressivo (1/3)

	Classe	O que achávamos?	O que fizemos?	Qual foi o resultado (nominal)?
R E N D A F I X A	Juros Nacionais	Seguir operando os mercados de Pré e NTN-B, com apetite para eventualmente subir as alocações no segundo se taxas ficassem interessantes.	Em meio à mudança abrupta de preços no mercado de renda fixa, aproveitamos oportunidades de aplicação no mercado pré. Nos piores dias após a eclosão do conflito no Oriente Médio, a curva de DI Futuro chegou a zerar os cortes embutidos para a taxa Selic - pessimista para o nosso cenário básico. Diante disso, atuamos no vencimento Jan/31. No caso das NTN-Bs, mantivemos posições no início de março, pois são defensivas na medida em que a inflação implícita nos títulos sobe em reação à piora das previsões para o IPCA. No final do mês, diante da possibilidade de o Copom manter os juros reais elevados por mais tempo, optamos por zerar as posições, mas muito atentos às oportunidades que surjam se os cupons ultrapassassem 7% novamente.	O impacto mais direto do conflito entre Estados Unidos e Irã sobre o cenário e o mercado brasileiro de renda fixa foi a ampliação da defasagem entre os preços domésticos dos combustíveis e a paridade internacional, devido ao choque nas cotações do petróleo. A percepção é de risco elevado de repasses ao consumidor final e, consequentemente, de pressões adicionais sobre o IPCA. Do ponto de vista de política monetária, o Banco Central do Brasil tem sinalizado maior cautela diante do aumento das incertezas e da assimetria no balanço de riscos, com atenção particular à possibilidade de efeitos secundários do choque de energia sobre expectativas inflacionárias e núcleos do IPCA. Nesse contexto, a decisão do último Copom, com queda de apenas 0,25 p.p. na taxa Selic, reforçou uma condução prudente e dependente de dados, preservando a flexibilidade para calibrar o ritmo e o tamanho do ciclo à medida que se esclareçam a persistência do choque externo e os desdobramentos domésticos. Caso a pressão sobre a energia se prolongue, o balanço de riscos para a inflação tende a se deteriorar e reduzir o espaço para uma flexibilização mais célere, ainda que a atividade doméstica apresente resiliência na margem.

Estratégia – Perfil Agressivo (2/3)

		Classe	O que achávamos?	O que fizemos?	Qual foi o resultado (nominal)?	
R E N D A F I X A	Crédito		<p>Seguir com alocações baixas em comparação ao histórico e potencial dos mandatos. Assim como nos perfis conservador e moderado, monitorar o mercado para eventuais ajustes de exposição, como no setor de saúde.</p>	<p>Alocação total em crédito seguiu em torno de 12% do PL.</p> <p>Aproveitamos algumas condições de mercado para reduzir posições nos setores já citados, em nomes específicos, avaliando menor potencial de retorno daqui para frente.</p> <p>Inclusive, fizemos a zeragem de um papel de Saúde que havia sofrido rebaixamento da nota de crédito recentemente. Neste caso, apesar da melhora operacional as margens do setor são estruturalmente apertadas e novas melhoras poderiam ser lentas, não compensando os riscos se optássemos pela manutenção.</p>	<p>A dinâmica de preços e fluxos de negociação no mercado de crédito em março foi marcada pelo noticiário negativo, sobre grandes empresas entrando em recuperação judicial. Esse contexto acabou afetando a marcação a mercado de vários nomes no universo de emissores corporativos, com atenção ao setor de varejo e saúde. Já a dinâmica dos emissores financeiros seguiu mais defensiva, com demanda crescente pelos investidores neste momento do ciclo de crédito.</p> <p>A estratégia rendeu abaixo do CDI. Setores de Saúde e Transporte como principais detratores.</p>	-
	Câmbio e Juros Internacionais		<p>Seguir na venda da moeda americana, dado o cenário de diversificação dos fluxos de capitais globais em regiões além dos EUA.</p>	<p>Em cenários de aversão global ao risco, com valorização temporária da moeda americana, reduzimos a exposição vendida em dólar.</p>	<p>Impactos negativos.</p>	-

Estratégia – Perfil Agressivo (3/3)

Classe	O que achávamos?	O que fizemos?	Qual foi o resultado (nominal)?	
R E N D A V A R I Á V E L	Bolsa	Vínhamos reduzindo as alocações no fundo Inflation Equity Opportunities desde o final do ano passado nas carteiras dos perfis Moderado e Agressivo, aumentando a participação relativa em veículos mais líquidos no segmento de RV (fundo Smart Brasil 50 e futuros de Ibovespa). Pela forte performance dele no decorrer de 2025, melhor risco x retorno identificado no mercado de NTN-B pela taxa interna de retorno embutida do Inflation Equity e expectativa de continuidade de fluxo de capital estrangeiro (que normalmente busca os maiores nomes e mais líquidos da Bolsa e impacta positivamente outros tipos de estratégia em RV). A zeragem seria completada em março.	Movimento implementado na cota da estratégia. A exposição geral em RV também foi reduzida nos perfis, em meio à forte performance do mercado, visando preservar ganhos acumulados nos perfis desde o ano passado x objetivos de retorno.	Março trouxe um aumento da volatilidade nos mercados, após a eclosão do conflito no Oriente Médio. Uma das principais consequências da alta nos preços do petróleo foi a elevação dos juros globais de curto prazo, à medida que os mercados passaram a antecipar uma postura mais conservadora dos bancos centrais, inclusive no Brasil. Como resultado, as ações, globalmente, registraram queda de 7,2%. O MSCI Emergentes caiu 13,1%, enquanto as ações brasileiras apresentaram uma correção mais moderada (MSCI Brasil: -1,9% em dólares ou -0,7% em moeda local). Os fluxos estrangeiros permaneceram fortes. A bolsa brasileira seguiu se beneficiando de fortes entradas líquidas de investidores estrangeiros, explicando o melhor desempenho relativo mesmo num contexto de maior incerteza. Após compras de R\$ 42 bilhões entre janeiro e fevereiro deste ano na B3, eles voltaram às compras em março, mesmo após o início do conflito, fechando o trimestre com saldo positivo de aproximadamente R\$ 51 bilhões. Mesmo com a forte valorização relativa recentemente, o índice de bolsas emergentes negocia com 44% de desconto para seus pares desenvolvidos. Já a bolsa brasileira negocia com desconto de 16% para seus pares emergentes.
	Estruturados	Manutenção das estratégias macro (Altair e Global Dinâmico Ultra) e do crédito estruturado (Precision Advanced).	Sem mudanças.	Para maiores detalhes, consultar Flyers dos fundos alocados. O conjunto das estratégias rendeu abaixo do CDI no mês.
	Exterior	Manutenção da diversificação da estratégia Carteira Itaú Asset Internacional Institucional.	Seguido. Na parte tática das moedas operadas com exposição dentro dos veículos otimizadores NASHIRA, reduzimos a venda de dólar pelas incertezas trazidas pelo novo cenário geopolítico.	O impacto conjunto das exposições foi negativo. Destaque para a detração vinda dos mercados de ações e commodities.

GLOSSÁRIO

[Clique aqui](#) caso tenha dúvidas dos termos utilizados neste relatório

Informações relevantes

Os investimentos da Fundação Itaúsa Industrial são realizados pelos gestores contratados pela Entidade de acordo com a Resolução CMN nº 4994/2022 e com a Política de Investimentos do Plano de Benefícios de Contribuição Definida – PAI-CD, aprovada pelo Conselho Deliberativo conforme Estatuto Social e legislação vigente.

A estratégia de alocação de recursos nos perfis de investimento é discricionária, porém, os gestores devem seguir as diretrizes da Política de Investimentos da Entidade e os regulamentos dos fundos de investimentos, de forma a cumprir os mandatos que lhe foram conferidos.

Os resultados apresentados se referem ao desempenho obtido pela gestão dos investimentos deduzidas as despesas com a administração desses investimentos e não garantem rentabilidade futura, nem tampouco, que o cenário econômico vislumbrado vá se concretizar, independentemente de o espaço de tempo ser considerado curto ou longo.

Esse relatório é de propriedade da Fundação Itaúsa Industrial, e é destinado aos participantes e assistidos do Plano de Benefícios de Contribuição Definida – PAI-CD e não deve ser entendido como recomendação de investimento, desinvestimento, opção e/ou alteração de perfil de investimento ou opção e/ou alteração de benefício de aposentadoria.